

E como não falar da violência?

Prof. Doutor Max G. Haetinger , em educação, especialista em criatividade, tecnologias aplicadas na educação, psicopedagogo, palestrante e autor de vários livros. Visite o site www.maxcriar.com.br

“A noite acendeu as estrelas porque tinha medo da própria escuridão.” Mario Quintana

Pais, comunidade, educadores, sociedade como um todo, estamos todos chocados, perplexos e apreensivos frente aos últimos acontecimentos ligados ao ambiente escolar. Sabemos que há tempo a violência social extrapolou os muros das escolas e cercou cada sala de aula dificultando as relações dos alunos entre seus pares e com seus professores. Mesmo assim fomos surpreendidos pelos acontecimentos do dia 07 de Abril de 2011, no Rio de Janeiro na escola de Realengo.

Foi inevitável, como pai e educador, parar para refletir e pensar ainda mais profundamente neste ambiente tão fundamental, importante e determinante chamado ESCOLA.

Tenho certeza de que os familiares que antes deixavam suas crianças e jovens nas escolas de todo o nosso país, com a certeza de que estariam deixando seus filhos em um lugar seguro, hoje sentem MEDO! E como descreve Miguel de Cervantes: *“Um dos efeitos do medo é perturbar os sentidos e fazer que as coisas não pareçam o que são.”*

Nas discussões sociais que se intensificaram após a tragédia de realengo, falamos muito da segurança de nossas escolas, do *bullying*, da violência, da necessidade de guardas nas portas, detectores de metais, revista íntima ...

Não tenho dúvidas de que devemos repensar a segurança em nossas escolas, qualificar melhor as relações entre alunos e professores, tirar o magistério desta triste realidade no que se refere aos salários, à formação, ao apoio, segurança, e tantos outros fatores.... Não tenho dúvidas de que precisamos sim transformar a escola de nossos filhos em espaços de convivências ao invés não de violências (físicas, psíquicas, morais).

Porém duas coisas não estão sendo discutidas: Como evitar e ou canalizar a violência que existe em cada ser humano, e como transformar os conflitos em espaços de aprendizagem, em coisas agregadoras e normais e não em catarse e loucura?

Acredito que precisamos rever:

1. Nossa inserção social - a escola formando a comunidade e não somente alunos.
2. Nossas metodologias e ações pedagógicas e andragógicas.

Esta busca passa por uma escola mais próxima dos alunos; que seja perceptiva da realidade cultural em que cada comunidade esta inserida; passa por nos abirmos mais a comunidade e não nos fecharmos. Devemos promover uma produção escolar que possa ter eco-social, transformando as tarefas de cada dia em tarefas produtivas e expressivas, onde todos vejam esta escola, e principalmente entendermos que neste século informação não é poder, poder é competências, é habilidades, é ter acesso. Esta deve ser a escola, com portas de acesso e não com portas fechadas e blindadas.

Loucos, violentos, psicopatas talvez não parem de existir, esta é opinião de especialistas, mas abrindo nossas escolas e aprendendo/ensinado com mais perspectiva de futuro, participação dos alunos na formatação dos currículos em uma pedagogia da ação e da construção, e não da “falação”, poderemos oportunizar o nascimento e fortalecimento de uma nova geração, de amor, respeito, construção e redes .

Esta é a escola que sonho para nossos filhos, mas sei que este sonho só pode ser real se a escola for livre, se aprender com seus erros, e não acreditar que o erro é sempre do outro.

Dialogo e emoção, esta escola é só vibração!

“ Alô , alô realengo , aquele abraço “

Beijos e paz

Max